

Agronegócio é a alma de Descalvado

“Aves, carne bovina e suína, leite e derivados, milho, cana, café, laranja... O agronegócio é a alma de Descalvado”, define o prefeito José Carlos Calza, desta cidade de 29 mil habitantes, fundada em 1832, em torno da capela de Nossa Senhora do Belém, nas terras dos índios caingangues, na sesmaria do bandeirante Amador Bueno da Veiga. O agronegócio, como em quase toda a extensão da Via Anhangüera, começou a chegar com o café, levado por mineiros. Teve um pequeno ciclo do algodão, que alimentou algumas tecelagens, nos anos 40. Mas nos 60, tudo mudou, com a família Fregonezzi, de Poços de Caldas, implantando a avicultura. Mesmo depois de muita dificuldade, essa criação ainda marca a cidade e se recupera, para que não perca o título de “Capital do Frango de Corte” do Estado de São Paulo.

“Quem mora em Descalvado tem de ter granja” era o bordão, lembrado até hoje por Carlos Roberto Garcia, presidente da renovada Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Mogi Guaçu, dona da marca Coperfrango. Eram centenas de granjeiros, há 40 anos, seduzidos pelos Fregonezzi, que instalaram a avicultura ali. Depois, os estados do Sul e seus frigoríficos, estimulados por subsídios aos insumos jamais conseguidos por São Paulo, passaram à frente. “Antes da ‘vaca louca’, o frango deles era vendido aqui em Descalvado mais barato do que o nosso. Agora, exportam tudo e o mercado está favorável de novo”, desabafa. “Só uma reforma tributária vai resolver”, espera o prefeito. A cooperativa chegou a ter 1.300 associados (150 avicultores). Hoje são 35, que fornecem 1,5 milhão de frangos por mês. Estão investindo R\$ 12 milhões na automação e, em 90 dias, calculam abater 2 milhões e ocupar toda a estrutura da granja de matrizes, incubatório, fábrica de ração, túnel de resfriamento e congelamento e os postos de Pontal, Americana, Bauru, Sorocaba e São José dos Campos. Aí, o Coperfrango estará em outros estados, acompanhado de uma variedade de embutidos, prevê



Divulgação

Garcia, à frente de 680 empregados. Antes do frango, o leite dividia com o café a zona rural do município. A Agrindus está lá desde 1945. Hoje, o rebanho de 900 vacas holandesas dá 10 milhões de litros por ano, transformados em uma linha de derivados em parceria com a marca Salute. A meta é ampliar o “kochër”, com leite “A”, light e iogurte, para abastecer a colônia judaica, segundo o diretor Roberto Jank Jr.. Na pecuária de corte, a empresa abate por ano 1.500 cabeças das cinco mil da criação. Ela mantém o sistema de transferência de 600 embriões anuais mais 400 que ela vende no mercado, a partir de 120 doadoras de criadores de todo o País. E cria frangos: 75 mil aves alojadas no sistema de integração com a Coperfrango e o frigorífico Hildebrand, de São Carlos.

Em 1993, a agroindústria de Descalvado deu outro salto, com a recuperação da Usina Ipiranga. É uma das maiores empregadoras da cidade: 502 funcionários dão conta da safra que, este ano, deve chegar a 690 mil toneladas de cana para produzir 47 mil toneladas de açúcar e 32 milhões de litros de álcool, calcula seu diretor Leopoldo Titoto.

As francesas Socil, Royal Canin e SPF também fortalecem o agronegócio de Descalvado, fabricando ração para aves, pequenos animais e insumos úmidos para ração.

A Prefeitura acabou de criar o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, “para acelerar a incorporação de 85% dos mil produtores e criadores às novas tecnologias — esses têm até 50 hectares”, conta o diretor da Casa da Agricultura, José Paggiaro. Têm à disposição tratamento fitossanitário e uma patrulha agrícola que consideram a melhor do Estado, formada por 25 implementos, de niveladoras a colhedoras, plantadoras e cinco tratores. O objetivo é estimular o plantio de milho, de olho numa nova era para a avicultura e livrá-la da importação do produto que hoje vem quase todo de Goiás.

Cana-de-açúcar:	22 mil hectares
Milho:	4 mil hectares
Laranja:	3 milhões de pés
Café:	1,1 milhão de pés
Avicultura:	5 milhões de aves
Pecuária de leite:	12 mil cabeças
Produção de leite:	75 mil litros/dia
Pecuária de corte:	15 mil cabeças
Gado misto:	5 mil cabeças
Pasto:	20.500 hectare



Teresa Flora

Agro *negócio*

Publicação oficial



Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto

Lição de casa: o Agronegócio

A coordenadora da oficina pedagógica da Diretoria de Ensino de Jaboticabal, Maria Noda Bechara, diz que em 25 anos de magistério não viu nada igual ao “Programa Educacional – O Agronegócio na Escola”, desenvolvido em parceria com a Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto (ABAG/RP). “Nossos alunos e professores jamais tiveram essa oportunidade, de conhecer a importância sócio-econômica da realidade que os cerca, com todo o apoio logístico para levá-los da escola ao campo, e com essa disposição e condições de ensino”.

A segunda etapa do programa foi lançada pela diretora-executiva Mônica Bergamaschi e pelo conselheiro Wellington de Castro Caiado, da ABAG/RP, para cerca de 70 professores de dois mil alunos do primeiro colegial de sete escolas de Jaboticabal, Guariba, Monte Alto e Pradópolis. Eles receberam o vídeo que mostra a dimensão do agronegócio na região e a apostila de capacitação, que orienta como o agronegócio pode chegar aos alunos por meio do ensino de Português, Matemática, Geografia, História...

O presidente da ABAG/Nacional e da Aliança Cooperativa Internacional, Roberto Rodrigues, fez uma con-



Valéria Ribeiro

Professores conhecem a importância do agronegócio na região

ferência seguida de debate, na qual alertou a platéia para essa atividade, que começa na prancheta dos pesquisadores e termina na gôndola dos supermercados, mobilizando trabalhadores de todas as qualificações antes, dentro e depois da porteira. “A agricultura e a pecuária estão no nosso dia-a-dia e poucos percebem. Quando um anúncio de cerveja aparece na TV, quem sabe que na origem está o produtor da cevada e até do algodão do paletó do garçom que serve a bebida?” E concluiu: “Para os ricos, 10% da humanidade, a comida tem pouca importância, porque se o preço do ovo ou do leite dobrar, não mexerá com o orçamento dele; mas para o pobre, significará a diferença entre a sobrevivência e a fome. A agricultura valorizada é instrumento da paz.”

Editorial

A reforma da reforma

O Estatuto da Terra (Lei nº 4.504), na forma como é conhecido, foi promulgado no início do regime militar, em novembro de 1964, pelo presidente Castello Branco. Recentemente, o deputado federal Xico Graziano (PSDB/SP) apresentou uma proposta para instituir o “Novo Estatuto da Terra”, que compatibiliza as políticas agrícola e agrária.

O deputado argumenta que o maior defeito da legislação agrária brasileira reside no conceito de módulo rural, um tamanho “ideal” de propriedade suficiente para garantir a subsistência e propiciar o progresso econômico do agricultor e sua família. Variável de região para região, foi definido nos anos 60 em função da área média dos municípios brasileiros, da ocupação histórica e das características da agropecuária local. Coluna dorsal do Estatuto da Terra, ainda é usado pelo INCRA para determinar o tamanho dos lotes a serem distribuídos às famílias nos assentamentos.

Na época em que foi instituído o Estatuto da Terra, as tecnologias de produção disponíveis eram ainda incipientes. Sua estrutura arcaica carrega o viés do estabelecimento da relação direta entre tamanho de área e rentabilidade. Hoje é sabido que a renda rural é decorrente da produtividade, do emprego de tecnologia, do gerenciamento, da coordenação das cadeias produtivas, da dinâmica dos mercados e dos instrumentos de política agrícola.

Nestes 37 anos foram notáveis as mudanças e os avanços tecnológicos em todos os setores, entretanto decisões que podem afetar a competitividade, a geração de renda, empregos e divisas continuam sendo tomadas com base em leis ultrapassadas. Eis a oportunidade de rediscutir a ética da terra, os direitos e as obrigações dos homens que nela trabalham.

Mônica Bergamaschi

Novas tendências do cooperativismo

Direção compartilhada entre cooperados e profissionais especializados; fusão de pequenas, médias e grandes cooperativas e investimento maciço em tecnologia e na educação dos produtores marcam o novo perfil do cooperativismo na região

O presidente da Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia (Carol), José Oswaldo Galvão Junqueira, diz que nada promove a melhor globalização e a mais justa distribuição de renda e riqueza para a comunidade do que o cooperativismo. “Essa realidade é uma tendência e mostra que sem a cooperativa, o produtor, principalmente o pequeno, por falta de condições de acesso ao financiamento, corre o risco de se tornar um excluído.” Para José Oswaldo, a globalização induz à fusão no sistema. A incorporação é inevitável, para superar a dificuldade de crédito; conseguir redução de custos e propiciar a economia de escala.

Para o bom desempenho do cooperativismo nessa nova realidade, ele recomenda:

Antônio Toniello, presidente da Cooperativa dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo (Copercana), de Sertãozinho, concorda com a fusão. “A cooperativa precisa ter tamanho para investir e competir. Por isso a integração é necessária – só assim, o pequeno produtor conseguirá para o seu produto o mesmo valor obtido pelo grande.” Toniello observa que a cooperativa iguala, “é o lado humano da globalização”. E além do acesso ao financiamento, garante ao produtor assistência técnica e jurídica e condições favoráveis de compra e venda.

Ele faz suas recomendações para o futuro baseado em exemplos de quem está há trinta anos no setor:

O diretor comercial da Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas (Cocapec), de Franca, Maurício Miarelli, diz que a fase de tutela oficial, que fazia cooperativas nascer de cima para baixo, acabou. “Elas não são mais meros instrumentos de repasse de crédito. Agora, para fortalecê-las, é preciso profissionalizar a direção e incentivar os cursos universitários de cooperativismo. É o caminho para assumirem responsabilidade social, alcançarem o lucro e serem geridas como empresa”, aposta. Para Maurício, o cooperativismo vai crescer porque o próprio produtor que estiver fora das cooperativas perceberá que o cooperado é tecnologicamente mais avançado; sua produtividade é mais alta; a situação econômica é melhor; é mais protegido financeiramente e sofre menos com a crise e com a especulação. Ele recomenda:

Na Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba (Coplana), o presidente Francisco Baratella, diz que a educação do cooperado começa com a equipe de sete agrônomos de campo, “obrigada a tomar o café da manhã na cozinha da propriedade do produtor”, para que ele se sinta seguro e acredite na entidade. O pequeno produtor é o mais visado, “porque é acanhado, tem família grande e se julga ‘sem lastro’ para ser cooperado, sem saber que a maioria é como ele”, compara. O produtor menor só terá acesso à tecnologia de ponta disponível hoje na agricultura – aquela que ele vê na Agrishow – se for cooperado. “Na cooperativa, ele dispõe de laboratórios de análises químicas: solo, fertilizantes, qualitativas do leite, e de detecções de doenças, mesmo que ela não trabalhe com leite; dispõe de zootecnista e de um bom suprimento de ração para o rebanho”, avalia o presidente da Coplana. Para o futuro, Francisco Baratella observa:

A meta da Cooperativa Nacional Agroindustrial (Coonai), de Ribeirão Preto, segundo seu presidente Daniel Felipe, é fazer com que o cooperado, cada vez mais, entenda que o lucro ou parte dele reverta para a cooperativa. “Ela precisa de uma estrutura industrial eficaz como a de uma fábrica. Aí entram o trabalho de educação e conscientização para que um produtor médio, de 130 litros de leite por dia, com ganho mensal de R\$ 1.400, não se assuste quando se vê parte de uma cooperativa cuja indústria fatura R\$ 10 milhões por mês.” Apesar das transformações, Daniel diz que ainda há quem veja a cooperativa como um cabide de emprego: “isso é falta de credibilidade”. Para se fortalecer como instituição e melhorar as condições de seus produtores, a Coonai criou comitês educativos para ensinar os princípios do cooperativismo e ajudar a resolver problemas específicos de cooperados em suas bases de captação. Hoje, a adesão é maior do que a desistência e a maioria dos

Para Leopoldo Pinto Uchôa, presidente da cooperativa de consumo Cooperativa dos Cafeicultores e Citricultores de São Paulo (Coopercitrus), de Bebedouro, atualmente, o problema do crédito rural “bem encaminhado”, com o Banco Central dando boa cobertura aos cooperados. Segundo ele, as cooperativas precisam encontrar um caminho que livre seus associados dos tropeços da oscilação da economia. “Hoje, por exemplo, há otimismo para os produtores de cana, laranja e milho. As entidades da região estão melhor estruturadas e vimos que as turbulências da economia extinguíram várias cooperativas, mas elas afetaram muito menos as da nossa região. Isso porque o profissionalismo marca a administração delas.”, observa. Hoje, o cooperado pode dizer que a cooperativa só é notada quando não existe, avalia Leopoldo. “Portanto, ela já é fundamental na vida do produtor.”

Para o futuro, ele defende:

1. A adesão de novos cooperados tem de passar por triagem rigorosa.
2. O corpo de funcionários tem de ser competente, a ponto de ensinar o produtor a administrar a própria fazenda, e antenado, para responder na hora a todas as necessidades do cooperado.
3. O presidente precisa ter competência para escolher executivos melhores do que ele.
4. O cooperado deve saber que na cooperativa ele sempre terá um relacionamento melhor do que com uma empresa e que por maior que seja, a cooperativa é como uma cidade pequena, onde uma mão lava a outra.
5. Destruir o maior obstáculo da fusão: a vaidade.

1. O cooperativismo faz o cooperado crescer. Produtor que fornecia 500 toneladas de cana, hoje, fornece 100 mil.
2. Cerca de 70% dos nossos cooperados são pequenos. Sem a cooperativa, a maioria teria desaparecido.
3. A Copercana só trabalha com cana-de-açúcar, mas nossos cooperados também aprenderam a cultivar amendoim, soja e milho, e a criar bois e carneiros graças ao apoio da cooperativa.

1. O cooperado tem de se sentir, a um tempo, sócio e freguês da entidade, porque, de um lado, ele quer vender caro e, de outro, comprar barato.
2. Precisa investir na cooperativa, se quiser serviço de qualidade.
3. O reflexo do cooperativismo será na comunidade, onde é sensível a melhor distribuição de renda.
4. Só o pequeno produtor cooperado não terá vergonha de entrar no banco, porque confia na estrutura que há por trás dele e sabe que se o banco não ajudá-lo, a cooperativa vai resolver. E o banco sabe disso.
5. Mergulhar no grande desafio de educar, educar, educar... Quem é educado no cooperativismo é solidário.

1. Será cada vez mais fácil fazer do produtor um cooperado. Para conquistá-lo, é preciso aumentar o suporte da cooperativa de crédito, para livrá-lo do banco de uma vez.
2. Falta educação até para ensinar que cada um deve ganhar o mesmo pelo produto.
3. As propriedades têm de ser uma extensão da cooperativa, informatizadas, estar com **on line** com ela.
4. Precisa acabar a vaidade, se não, o cooperado vai parecer aqueles dois burros brigando pelo fardo de feno.

1. A cooperativa tem de crescer sem se distanciar do cooperado, ao contrário da indústria, que cresce só pensando nela. Ele se sente sozinho.
2. Uma das saídas é abrir a cooperativa e seu cofre para o cooperado. Isso dá credibilidade, coisa que a indústria não faz com seu fornecedor.
3. Incentivar a união das cooperativas para restaurar as centrais. No caso das de produção de leite, havia nove centrais, compradas por multinacionais – só restam duas.

1. A existência de concorrência leal entre as cooperativas e entre elas e as empresas convencionais.
2. Cada vez mais, o crédito rural será o grande instrumento de alívio para os preços desfavoráveis.
3. Sem o cooperativismo de educação e de trabalho, não há como ganhar adesão de novos produtores e sem cooperativismo, os produtores ficarão reféns do juro alto, da falta de assistência e de maus comerciantes.